

O Estado de S. Paulo

17/6/1992

REPORTAGEM DE CAPA

Leis que protegem o ambiente obrigam usinas a mecanizar

Proibição à queimada acaba com o corte manual

A chegada das colhedoras de cana no Brasil data de 20 anos atrás, mas nunca houve motivo forte o suficiente para a técnica superar alguns problemas como a falta de qualidade dos modelos nacionais e o custo financeiro do investimento necessário, condição única para torná-las mais econômicas em relação à nossa fácil e barata mão-de-obra daquele tempo.

Agora o quadro se inverteu. A mão-de-obra ficou mais cara, os modelos nacionais avançaram bastante. E surgiu um novo motivo, que paira como uma espada sobre a cabeça do setor: os avanços da legislação de proteção ao ambiente. Em São Paulo, por exemplo, foi sancionada uma lei que impede a queimada em plantações distantes até um quilômetro das cidades. Mas a pressão dos movimentos ambientalistas vai além. Agora a reivindicação é de proibição total.

VAGAS DISPONÍVEIS

Se for aprovado o fim das queimadas de cana, o corte manual será inviável, porque a produtividade de um cortador na cana crua cai pela metade em relação à cana queimada. E a diferença dos custos entre a colheita mecânica e a manual iriam obrigar as usinas a substituírem o homem onde for possível.

O avanço da mecanização no Estado está ocorrendo de forma mais acentuada na região de Ribeirão Preto. Ali, em 1991, 20% do corte foi realizado por máquinas. Este ano, o percentual pode atingir 30%. Há exemplos extremos. A usina São Martinho, de Pradópolis, é a campeã da mecanização. Usa colhedoras em 80% do canavial: 40 mil hectares em 50 mil de área colhida ao ano.

Conforme o gerente do departamento agrícola, Roberto Pupulin, a colheita manual só é realizada onde a topografia impede a entrada do equipamento.

Mas o grande uso de tecnologia na São Martinho não é mera coincidência. A usina pertence ao grupo Dedini, dono também da marca de colhedoras Engeauto. Outro motivo: há dois anos a São Martinho não completa o quadro de vagas disponíveis para cortadores de cana. Hoje, diz Pupulin, não fosse a colheita mecânica, a usina não teria como cortar toda sua área.

MODIFICAÇÕES

Pupulin acompanhou o processo de mecanização da lavoura e garante que a principal dificuldade enfrentada pela usina foi preparar o canavial para receber a mecanização. O terreno tinha de apresentar baixa declividade. Não podia conter sucatas, pedras, formigueiros ou qualquer outro obstáculo que pudesse danificar o equipamento. E as condições de produtividade deviam ser ideais para justificar o uso da máquina, sem que houvesse risco de elevar o custo de colheita além do valor do corte manual.

O gerente da central de manutenção da São Martinho, Eduardo Cunali de Felipe, afirma que os primeiros equipamentos colocados no mercado traziam ainda grandes perdas, danos à matéria-prima, e apresentavam problemas nos sistemas mecânico e hidráulico. Do protótipo inicial importado da Austrália pela Engeauto, perto de 250 modificações foram realizadas para se chegar ao atual estágio de sofisticação.

ECONOMIA DE UM DÓLAR

O modelo atual ainda pode ser aprimorado. A capacidade de corte, em 1986, era de 300 toneladas/máquina em um dia. No ano passado a São Martinho obteve a média de 600 toneladas. Mas Felipe garante que haverá novo aumento este ano. "O tempo da colheita mecânica é 50% menor que o manual, comparado ao trabalho de 50 a 60 cortadores".

Roberto Pupulin calcula que o investimento feito na compra de uma colhedora, mecânica retorna após dois anos, considerando que o sistema economiza um dólar por tonelada colhida. A São Martinho tem 43 máquinas em operação e duas encomendadas para esta safra. Para conduzi-las, 100 operadores. E 80 funcionários na área de manutenção. Na hipótese de colher a mesma área no sistema manual haveria necessidade de três mil cortadores.

A usina São Martinho abriu suas portas agora para o teste do modelo mais esperado pelo setor: a máquina de corte de cana crua — sem queimada. O equipamento precisa ainda vencer um desafio técnico: como eliminar a palhada da cana, produto altamente inflamável.

O pesquisador do Centro de Tecnologia Coopersucar em Piracicaba, Osmar Figueiredo Filho, diz que a mecanização da colheita de cana ainda é pequena. Mas informa que um número cada vez maior de usineiros está implantando colheita mecânica em parte do canavial para "ir se acostumando com a técnica".

PONTO DE EQUILÍBRIO

Na visão de Figueiredo Filho, "as colhedoras oferecidas hoje são muito melhores do que aquelas fabricadas até 1986". Parte dos avanços são devidos às pesquisas realizadas no próprio Centro de Tecnologia, que firmou contratos de cooperação com fabricantes e estudou o corte de base da cana; o transportador da cana para o interior dos caminhões e o efeito do peso da máquina na compactação do terreno.

Figueiredo Filho diz que se o produtor começar sua mecanização por uma revenda de colhedoras, escolheu o caminho do "prejuízo certo". Há necessidade de uma estrutura mínima, por exemplo. Primeiro, o número ideal de máquinas: de 3 a 0. Depois, o preparo do terreno para tirar o melhor rendimento da máquina; alterações nos equipamentos de recepção da cana na usina; treinamento de pessoal, e estudo do custo inicial do investimento. Os técnicos acreditam que não há condições para uma mecanização maciça por enquanto. Mas esperam um aumento da colheita mecânica até um ponto de equilíbrio com a manual, nos próximos cinco anos.

(Página 8, 9 e 10 — Suplemento Agrícola)